

Individualismo e Cultura: uma abordagem de algumas perspectivas de estudo na antropologia do mundo contemporâneo

Thayene Gomes Cavalcante

Aluna do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais/CCHLA/UFPB

O individualismo nas culturas se torna cada vez mais importante para entender o funcionamento do mundo contemporâneo; por este motivo cada vez mais antropólogos contemporâneos têm tomado essa perspectiva como estudo das sociedades, já que é uma das formas de retratar mais adequadamente a complexidade das relações atuais. Pois, como diz Velho, a sociedade moderno-contemporânea é cheia de heterogeneidade e variedade de experiências e costumes.

A discussão que se segue neste artigo se baseia na perspectiva de "Individualismo e Cultura" na modernidade e contemporaneidade. Para tal serão utilizados alguns trabalhos de autores como Dumont, Stolcke, Simmel, Sahlins, Geertz, levando em consideração a abordagem deles dentro do tema sugerido, ou melhor dizendo, como eles pensam o indivíduo moderno-contemporâneo em relação à cultura. Primeiramente será feita uma análise de cada um deles a partir de alguns de seus trabalhos, absorvendo as suas perspectivas de estudo da sociedade contemporânea e mais especificamente a noção de individualismo e cultura para eles, sendo para alguns a abordagem mais clara com relação ao individualismo, e para outros a

de cultura. Só assim poderá ser feito um cruzamento das idéias destes autores.

Falando de um crescente individualismo na sociedade contemporânea, cabe, aqui, fazer uma ressalva e distinguir os significados dos termos *individualismo* e *individualidade* no contexto geral, para que não haja confusões. Segundo o dicionário Aurélio, o termo individualidade serve para caracterizar o que constitui o indivíduo; o caráter especial ou particularidade que distingue uma pessoa ou coisa; e pode significar, no sentido figurado, personalidade. O individualismo, por sua vez, se trata da existência individual, do sentimento ou conduta egocêntrica. Cabe aqui também completar a seqüência de termos que estão inseridos neste contexto, começando por aquele que é raiz e dá origem aos outros termos, trata-se da noção de indivíduo. Indivíduo significa indiviso; o exemplar de uma espécie qualquer, orgânica ou inorgânica, que constitui uma unidade distinta; a pessoa humana considerada em suas características particulares, criatura; pessoa qualquer; sujeito, cidadão. O termo individual é relativo a indivíduo; peculiar a, ou executado por uma só pessoa. Individualizar é o caráter de tornar (-se) individual.

Feitos os esclarecimentos será dado início à análise dos textos dos autores, começando por Dumont em sua obra "O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna", mais especificamente o capítulo primeiro que fala da transição do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo. Dumont, nessa abordagem, faz todo um retrospecto histórico do desenvolvimento do individualismo (etapas de transformação), tanto para autores ou filósofos, como também (e tendo como base) o cristianismo e o Estado, que foi de onde surgiram os pressupostos para o individualismo presente na sociedade atual. Sua abordagem gira em torno do desenvolvimento do indivíduo-fora-do-mundo. Este existe no

início da era cristã como reflexo da época que, por sua vez, pensava a salvação obtida na relação com Deus; distante, assim, do mundo social. Ele escreveu com uma perspectiva comparativa e usa o sistema de castas indiano, que estudava, para tal. Para ele o indivíduo indiano é um ser renunciante (fora do mundo). O indivíduo no mundo é o indivíduo mais atual, advindo da idéia de Calvino, onde a salvação se tornou diretamente ligada à ação do homem no mundo.

Dumont reflete sobre o holismo e o individualismo. O individualismo sendo o caráter do mundo moderno e ocidental, tendo com valor supremo o indivíduo, e o holismo sendo de caráter das sociedades tradicionais, como a Índia. Para deixar mais clara a idéia de Dumont sobre o individualismo, será usado aqui um trabalho de Verena Stolcke (“Glória ou maldição do individualismo moderno segundo Louis Dumont”). Stolcke, antes de tudo, faz um histórico da vida de Dumont. Para ele, a grande contribuição de Dumont foi repensar a ideologia da antropologia moderna, mas afirma também que a modernidade é contraditória às suas próprias ideologias.

Stolcke diz que Dumont herdou de Mauss a distinção entre o indivíduo empírico (de carne e osso, da natureza → holismo) com o ser de razão (ser moral → individualismo). Há assim na sociedade moderna uma separação com relação à natureza e a instauração do indivíduo autônomo. Por isso ela diz: “O individualismo é o valor ‘cardinal’ das sociedades modernas. O surgimento do individualismo significará simultaneamente a cegueira perante o social. A ideologia moderna é individualista na medida que valoriza o indivíduo concebido como sujeito moral, independente, e autônomo e ignora ou subordina a totalidade social. Segundo esta configuração de idéias-valores o indivíduo possui atributos como a igualdade e a liberdade. Este indivíduo moderno se entende como sujeito emancipado do social, livre de toda a ordem coletiva e igual a todos os demais seres

humanos e enquanto encarnação da humanidade” (STOLCKE, 2001, p. 20).

Para Dumont a gênese do individualismo se encontra no cristianismo, já para Stolcke a gênese do individualismo está na emancipação política e econômica. Dessa forma ela diz que o individualismo moderno é “inconsciência do social” e que o individual trazido por Dumont envolve igualdade e liberdade. Dumont, sempre partindo da perspectiva comparativa (da descoberta do próximo como método) aborda que para haver comparações do indivíduo na modernidade, terá que se buscar suas origens, levando em conta as mudanças estruturais; por esse motivo parte de categorias individuais, tipo: indivíduo, individualidade, individualismo, sociedades individualistas, sociedades holistas. Até mesmo Gilberto Velho em sua obra “Individualismo e Cultura” fala sobre essa noção de individualismo em Dumont: “Ao estudar a Índia e compará-la com o Ocidente moderno, mostrou, como na cultura hindu, a idéia de indivíduo é subordinada à idéia de todo e à de hierarquia. Ao estudar diretamente o Ocidente, examinou a gênese da noção de indivíduo enquanto categoria dominante, acompanhando o desenvolvimento desse conjunto de idéias especialmente a partir dos séculos XVII e XVIII” (VELHO, 1981, p. 23). Para encerrar e concluir a análise sobre o individualismo em Dumont, cabe salientar que essa noção de individualismo moderno, na atualidade, está diretamente ligada à noção de indivíduo no mundo de Calvino; o individualismo que se desenvolve desde os primórdios cristãos se dá atualmente na junção dos espiritual com a vida terrena.

Nesse momento será destacada a noção de individualismo para Simmel, o que confesso ser, na minha visão, uma abordagem mais compreensível sobre modernidade e contemporaneidade do que a de

Dumont, que é bem mais complexa. Em “O dinheiro na cultura moderna” e “O Indivíduo e a Liberdade”, Simmel faz uma relação bem clara do individualismo com a modernidade, e mais especificamente sua relação com o universo capitalista, no qual estão intrinsecamente envolvidos. Inicialmente Simmel faz uma abordagem histórica com relação à transição da economia na idade média para a economia moderna onde a questão monetária, ou seja, o dinheiro, ganha espaço. Anteriormente a economia se baseava nas relações pessoais, mas com a virada do século XIX essas relações vão se destruindo e a personalidade individual vai ganhando mais autonomia. Isso porque o dinheiro chega com um caráter impessoal, quebrando a unidade que antes existia na época medieval e tornando o indivíduo cada vez mais independente e autônomo. Isso porque, com a economia monetária as relações entre as pessoas se tornam cada vez mais objetivas, se tornam cada vez mais relações de troca. Abre-se espaço, assim, para a exploração da subjetividade do sujeito, ou seja, para o individualismo. É nesse aspecto que se considera o capitalismo como sendo positivo. Retomando a idéia, as relações na economia do dinheiro se tornam cada vez mais objetivas com os outros e cada vez mais subjetivas consigo mesmos.

Simmel diz que a existência do homem moderno está numa rede de relações de interesses monetários, do qual ele (indivíduo) não pode existir sem. Nesse sentido o dinheiro se tornou para o homem moderno um meio de realização dos seus desejos mais íntimos, sendo, dessa forma, um meio de condução para a felicidade. Assim, o homem moderno vive ativo em seu mundo, sempre em busca do ganho de dinheiro para que sua felicidade, sua liberdade e sua individualidade sejam alcançadas. É o que ele explica na sua obra: “Assim como o dinheiro em geral fez surgir - como resulta, evidentemente da nossa explicação – uma proporção radicalmente

nova entre liberdade e compromisso, a reunificação, enfaticamente estreita e inevitável, efetuada por ele provoca, por outro lado, a consequência estranha de abrir um espaço extraordinariamente vasto para a individualidade e para o sentimento de independência. O homem das épocas econômicas anteriores encontrava-se na dependência de poucos outros homens, mas estes outros eram individualmente bem definidos e impermutáveis, enquanto hoje em dia dependemos muito mais de fornecedores, mas podemos permutá-los ao nosso bel-prazer. Precisamente uma tal relação tem de gerar um forte individualismo, pois não é o isolamento em si que aliena e distancia os homens, reduzindo-os a si próprios. Pelo contrário é uma força específica de se relacionar com eles, de tal modo que implica anonimidade e desinteresse pela individualidade do outro, que provoca o individualismo” (SIMMEL, 1998, p. 28).

Pôde-se perceber, portanto, que a noção de individualismo é diretamente ligada à economia da modernidade-contemporaneidade, onde o indivíduo está sempre em busca de se individualizar. Para Simmel a importância do indivíduo na sociedade é somente de um ser estatístico, como sujeito de troca, onde a sociabilidade só se dá com a expressão. A individuação em Simmel coloca o sujeito fora da sociedade no sentido espiritual e reflexivo (distanciamento crítico). Para Simmel, então, a cultura do dinheiro é o fator individualizador dos homens. Assim “(...) a economia monetária – mesmo parecendo obedecer às suas próprias regras internas – está seguindo o mesmo ritmo que regula a totalidade dos movimentos simultâneos da cultura, incluindo, também, os mais remotos” (SIMMEL, 1998, p.39). Simmel ainda coloca que o caminho do indivíduo à sua individualidade acontece nas relações objetivas com os outros. É o homem genérico. O individualismo reflete o estilo de vida urbano (preso às condições objetivas), e a individualidade como espaço subjetivo de liberdade.

Até o momento a análise dos autores vem se dedicando mais à questão do individualismo na modernidade-contemporaneidade. A partir de agora os autores que serão trabalhados terão a noção de cultura mais viva, embora a noção de indivíduo esteja diretamente ligada a essa outra; como também, quando se falava de individualismo, a noção dessa cultura necessariamente vinha embutida.

Em Sahlins a discussão que agora surge, com base no seu trabalho "O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção", retrata o debate da globalização, do fim e/ou manutenção da cultura, da tradição, do processo colonizador e a antropologia nesse processo.

A cultura não-ocidental era tida como subcultura, e quanto mais graus de distância se estava dela, mais isso aumentava. No século XX a discussão da antropologia girava em torno de salvar vestígios de uma cultura em extinção, ou seja, de povos que estavam submetidos ao processo do capital. Em fins dos anos 70, com os pós-modernos, esse caráter se amplia e afirma-se que nesse processo capitalista a cultura não mais existe. É aí que surge a idéia de Sahlins contra essa visão. Ele vem com uma inovação. Muda a idéia de que globalização como processo de uniformização levaria a disfunção da antropologia, já que levaria ao fim da cultura e esta (a cultura) é o objeto da antropologia. Para ele, esse processo de globalização é também um processo de diversidade cultural, pois qualquer cultura é de intercâmbio e cria relações identitárias sempre diferenciadas. A globalização é o estado atual da hegemonia capitalista e a idéia de indivíduo nesse estado é a de ser mundial, não genérico. Há aí uma discussão do local e do distante; do eu e do outro no processo cultural.

Bem, mas o que Sahlins traz de novidade é a visão do lado positivo da globalização, como espaço de diversidade, fugindo do pessimismo de pensar no fim da cultura, e sim cultivar o pensamento dela como um espaço de simbiose. O processo migratório dos povos de uma cultura para outra faz com que o migrante reproduza suas condições de vida local, os espaços de tradição e hierarquia. Dessa forma, a tentativa de manutenção da tradição ganha autonomia, a partir do reforço dos laços nascidos com o distanciamento e com a saudade. Por outro lado, o sujeito ao contactar com outra cultura pode ser o responsável pelo envio de objetos da cultura de origem, realizando um processo de troca. Acontece assim uma reconfiguração das estruturas de poder; surgem novas alianças com o exterior que refletirão na cultura local. Porém não há destruição da cultura, há sim um espaço de variedade a partir da reflexão sobre sua autonomia, sobre os códigos de pertença. O processo de autonomia num país é visto como de inclusão num processo mundial. A cultura para Sahlins é a ação dos homens, o elemento de existência e criação identitária, como projeto. Enfim, a discussão que Sahlins traz é, no geral, a dos povos como elemento autônomo, ou seja, a sua afirmação e a negação do pessimismo.

Em Geertz a perspectiva é diferente. “A interpretação das culturas” é um clássico dentre suas obras, e nela percebe-se fortemente a sua perspectiva com relação à cultura e indivíduo. A perspectiva de Geertz do indivíduo é como um ser simbolizante, ou, usando suas palavras “homem como animal simbolizante”. Para Geertz os símbolos carregam significados e estes, por sua vez, significam na cultura; por isso a sua noção de cultura é a de uma teia de significados tecidos pelo homem (no plano dos fatos) e como sendo sua análise, ou seja, ciência interpretativa em busca dos significados dos comportamentos sociais (no plano teórico).

Em “Ethos, Visão de mundo e a Análise dos símbolos sagrados”, o autor aborda a religião como fator principal para sua discussão de teoria e valor; essa religião, tida por ele, segue o raciocínio de que engloba símbolos, estes carregam significados que dão sentido para a cultura. O indivíduo, então, ganha sentido na sua própria cultura. É o que ele diz quando fala que “religião é em parte um tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta” (GEERTZ, 1978, p.144).

Essa idéia do homem como ser simbolizante está, para Geertz, intrinsecamente ligada à idéia de racionalidade, pois, como ele mesmo diz, essa perspectiva dá bases ao homem de ser “pesquisador de significados, assim “(...) os símbolos são estratégias para englobar situações, então precisamos dar mais atenção a como as pessoas definem as situações e como fazem para chegar a termos com as mesmas” (GEERTZ, 1978, p. 158). Dá valor, portanto, ao estudo de valores. Enfim, a visão de Geertz é essa noção do simbolismo como fator de racionalidade e cultura, já que carrega significados; o simbolismo é referência da humanização da natureza, as formas de apreensões simbólicas podem ser, portanto, ou sagradas ou reflexões sobre o real.

A partir desse momento, já tendo analisado a posição dos autores sobre individualismo e cultura, e também pegando o gancho deixado pela abordagem de Geertz, serão analisadas agora as possíveis idéias que se cruzam entre os autores dentro do contexto aqui trabalhado. Falando de racionalidade em Geertz, lembramos das abordagens dos outros autores. Dumont, por exemplo, trabalha a racionalidade no sentido da sociabilidade, pois esta permite a flexibilidade. A sociabilidade é o que dá impulsos societários e o que

possibilita o status reflexivo do mundo; dessa forma ele reflete sobre o pensar a ideologia da antropologia (é o que Stolcke destaca na sua abordagem). A racionalidade notada por mim no contexto de Simmel trata-se do processo de individualização do indivíduo, no momento em que ele ganha a sua liberdade e busca espaços de concorrência ele é um sujeito criador, ele se interroga no mundo e faz suas escolhas. Já em Sahlins, a racionalidade aparece quando o nativo, ao migrar de sua cultura de origem pra outra, reflete sobre sua autonomia, sobre seu sentimento de pertença, e é isso que faz com que se busque a recriação de sua cultura. A racionalidade em Geertz, como foi falado, surge do simbolizante, ou seja, dos sentidos que estão nele presentes, pois a construção simbólica é uma consequência da averiguação do real: o homem como simbolizante é uma consequência do racional.

O fator símbolo se encontra presente além de em Geertz, também em Simmel e Sahlins. A sociedade moderna refletida por Simmel traz o dinheiro como medida das coisas, ele assume assim, ao meu ver, um caráter simbólico de equivalência das coisas. O simbolismo em Sahlins já é mais parecido com o de Geertz, para ele a cultura é a organização de símbolos onde se manifestam valores e significados.

A idéia de globalização e da cultura do dinheiro está presente tanto em Simmel quanto em Sahlins. Em Simmel essa idéia ficou bem clara durante a análise, é a questão da economia do dinheiro na modernidade, acontece a separação das relações subjetivas dos sujeitos, mas provoca uma unidade no sentido que as relações objetivas aumentam e ele se torna a medida universal. Sahlins vê a globalização como espaço onde pode ocorrer a diversidade das culturas, ou também onde pode haver troca de objetos e formação de alianças e vê o dinheiro com forte influência nesse mundo.

A abordagem religiosa é notada em Dumont, quando faz um retrospecto do cristianismo e da Igreja como fermento do individualismo. Depois vejo a abordagem de Geertz diretamente ligada à idéia de religião, quando fala que ela é um conjunto de símbolos que carregam significados e que se reveste de racionalidade.

Autores como Simmel, Dumont e Sahlins fazem uma abordagem levando em conta a análise histórica para fazer uma demonstração de suas idéias e perspectivas sobre a cultura, sobre o individualismo, e principalmente sobre a globalização e dinheiro.

O trabalho da aculturação e do colonialismo é feito por Sahlins e por Dumont. O colonialismo é abordado por Dumont com críticas a esse processo de dominação. Em Sahlins há uma discussão sobre esse processo de dominação quando fala em vias de extinção da cultura.

A subjetividade e objetividade é vista por Geertz como um cruzamento entre esses dois aspectos, já que para Dumont a subjetividade aparece como produto das relações. O que em Simmel é diferente metodologicamente, pois para ele, ao se aumentar as relações objetivas o que cresce é a subjetividade do sujeito individual.

Tradição é vista em Sahlins e Simmel. Em Sahlins a tradição é elemento de memória, resignificação de si mesmo, como um projeto de cultura. Já em Simmel a tradição é tida como contrária à modernidade que, por sua vez, é efêmera e contraditória.

A questão da contextualização, de uma necessária referência a um quadro mais geral para o entendimento e interpretação, está presente tanto em Sahlins como em Geertz.

Outro ponto observado foi a questão do homem genérico de Simmel, que é individualizado, mas também mantém relação com os outros (independente do tipo de relação). Visão diferente de Sahlins que vê o indivíduo como homem mundial.

Enfim, um último aspecto a ser destacado aqui em nível de comparação, é a abordagem da modernidade, que está presente em todos os autores, mas está mais especificamente em Simmel e Dumont. Ambos fazem uma análise do individualismo como presente no mundo atual, cada qual tendo uma perspectiva diferente.

Percebo também que o trabalho de Gilberto Velho “Individualismo e cultura” tem muitos pontos em comum com algumas perspectivas aqui analisadas. Por exemplo a questão do universo simbólico notado também em Sahlins, Geertz e Simmel; abordagem da religião é vista em Geertz e em Dumont; a questão da diversidade de culturas e a noção da cultura como projeto é comparada em relação à Sahlins.

O que posso completar de tudo que foi discutido nesse artigo é que muito me interessa compreender essas perspectivas de análise da sociedade contemporânea. O individualismo é uma realidade da sociedade atual, pois há cada vez mais cultivo dos anseios e da realização de projetos de vida individuais, e para que se realizem esses projetos é necessário se individualizar. A vida cada vez mais ativa se dedica à satisfação pessoal, ou, no máximo, daqueles com que se convive ou se mantém laços mais estreitos. A preocupação como os anseios da sociedade em geral é ignorada pela sociedade onde a valoração é voltada para o indivíduo. Por esse motivo considero que essa análise do valor individual nas sociedades complexas é interessante e muito adequada para seu estudo. Assim, perspectivas de estudo de cultura contemporânea têm bem analisado as mudanças ocorridas nesse novo universo em que reina uma grande diversidade, é, por assim dizer, de uma complexidade que necessita ser trabalhada na antropologia das sociedades contemporâneas como assim o fizeram os autores citados.

Referências

DUMONT, Louis. "Do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo". In: **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Cap.I, Rio de Janeiro, Rocco, 1985

STOLCKE, Verena. "Gloria o Maldición del Individualismo Moderno según Louis Dumont". **Revista de Antropologia**, v. 44, n. 2, pp. 7 a 37, 2001.

SIMMEL, Georg. "O indivíduo e a liberdade". In: Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. **Simmel e a Modernidade**. Brasília, Editora da UNB, 1998, pp. 109 a 117.

SIMMEL, Georg. "O dinheiro na cultura moderna". In: Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. **Simmel e a Modernidade**. Brasília, Editora da UNB, 1998, pp. 23 a 40.

SAHLINS, Marshall. "O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção". Parte I e Parte II. . **Mana**, v. 3, n. 1e 2, 1997.

GEERTZ, Clifford. "Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados". In, **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In, **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

FONSECA, Maria Guadalupe Piragibe. "Cultura e eficácia normativa"

DAMASCENO, João Batista. "Individualismo e Liberalismo: valores fundadores da sociedade moderna".

Resumo: O presente artigo trata de envolver o tema "Individualismo e Cultura" e as perspectivas de abordagem de alguns autores dentro desse contexto. Tais perspectivas aqui analisadas abrangem o

simbólico, o histórico, o religioso, etc, levando em conta a diversidade que traz esse mundo moderno complexo. A antropologia das sociedades contemporâneas, considerando o crescente individualismo ocasionado devido às mudanças estruturais da história, bem como a visão dos autores sobre indivíduo e sobre cultura, é o centro desse artigo. O individualismo é notado durante esse trabalho como consequência de todo um processo histórico e como reflexo dos anseios dos indivíduos na sociedade atual. A cultura moderna, devido à diversidade que o seu mundo carrega, abre espaço para diversos tipos de interpretações, como também para uma variedade enfoques e pontos de vistas sobre vários acontecimentos ou fenômenos. Por esse motivo o cerne dessa abordagem tomará como princípio a reflexão sobre essas novas perspectivas de estudo da sociedade contemporânea, muito adequadas por sinal.

Palavras-Chave: Perspectivas; Individualismo; Cultura; Contemporaneidade;